

## “EVOLUÇÃO”: REVISTA PEDAGÓGICA E MAGAZINE NA PARAÍBA DOS ANOS 30

**Josemir Camilo de Melo**

(Professor aposentado da UFCG, professor Visitante da UEPB)

### Resumo

Pesquisando no acervo que pertenceu ao jurista e historiador paraibano Horácio de Almeida (Biblioteca Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba) nos deparamos com uma peça ‘arqueológica’ a coleção de 8 exemplares da revista *Evolução*, editada em Campina Grande-PB, em 1931/2. A revista tinha por plataforma divulgar não só as atividades do educandário Instituto Pedagógico, mantenedor daquele periódico, mas fazer as vezes, também, de um veículo de comunicação social, apresentando em seus números seções de magazine. No entanto, não há estudos sobre esta revista seja do ponto de vista da comunicação (havia publicidade comercial), seja da educação. Este periódico revolucionou a cidade ao divulgar fotos de alunas fazendo educação física. A militância pedagógica pode ser acompanhada através da polêmica entre ensino público e privado, e ensino laico e católico, bem como os embates pró e contra a Escola Nova. Nosso trabalho se situa entre a História da Educação e a História Cultural (CHARTIER, s/d; e 2004) para verificar como se deu a recepção desse veículo no meio educacional e no meio social da cidade através de embates dos editoriais e de artigos específicos sobre a Nova Escola. Na parte social, pretendemos analisar as novas sociabilidades principalmente femininas como a moda de cabelo e vestuário e até mesmo da imagética quando professoras saem nas capas da revista em vez dos tradicionais políticos. Buscamos entender como se deu a curta sobrevivência deste órgão revolucionário, seu contexto e recepção social para uma cidade interiorana que começava a despertar de sua letargia, agora servida pela ferrovia inglesa que a ligava ao Recife.

**Palavras-chave:** História, cultura, educação.

### INTRODUÇÃO

O escritor e compositor pernambucano Fernando Lobo que viveu no Rio de Janeiro, em seu *À Mesa do Vilariño* (1991, p.24/6), narra sua curta infância em Campina Grande e nos diz que estudou no Instituto Pedagógico (IP). Foi aluno, diz, do professor de inglês, Santiago, e que este como o professor, tenente Alfredo Dantas ambos eram evangélicos. Lobo (um tanto cáustico) lembra ainda de Monsenhor (Almeida) Barreto, que ‘largara a batina por alguma ovelha’. Considerando que Lobo nasceu em 1915, isto

teria se dado por volta de 1925. Parte desta equipe pedagógica veria o IP passar por uma transformação, tornando-se a mais importante escola privada e laica de Campina Grande, nas décadas seguintes.

No começo dos anos 1930, o Instituto Pedagógico deixava de ser uma mera escola local para o ensino do que hoje chamamos de fundamental básico (o curso 'primário', de então) para se estender ao ensino médio (curso ginásial) da população campinense e ser reconhecido de utilidade educacional em nível nacional. Era uma proposta moderna, se comparada ao Colégio São José, do Professor Clementino Procópio, que fecharia suas portas em 1931, bem como o Instituto Olavo Bilac, do professor Mauro Luna. O reconhecimento da adequação do IP às regras nacionais pode ser acompanhado através dos processos burocráticos do Ministério da Educação<sup>1</sup>.

O Instituto Pedagógico, criado por Alfredo Dantas em 1919, pode ser tido como herdeiro do velho Grêmio de Instrução, fundado em 1899, um curso preparatório para a Faculdade de Direito do Recife. *Evolução* em seu primeiro número nos dá o histórico do IP (p.7). Inicialmente, a escola, na Rua Barão do Abiaí, visava o ensino primário e secundário para ambos os sexos, com salas separadas, como se dizia desde o Império: com duas cadeiras, uma para o sexo masculino (regida por Alfredo Dantas) e outra para o sexo feminino (regida por sua esposa Ester de Azevedo). Em 1924, a escola foi mudada para o número 327 da mesma rua, que depois se tornaria o internato do IP, quando este passou a ocupar o prédio municipal do extinto Grêmio de Instrução, na Marques do Herval, onde está até hoje, sem bem que em prédio construído no lugar do antigo casarão de janelões neoclássicos.

Em 1928, já chamado IP foi reconhecido de utilidade pública, pelo Conselho Municipal, quando era prefeito o Coronel Ernani Lauritzen, sendo em seguida criado o Curso Normal, e o Técnico-Comercial, sob fiscalização estadual e federal. Ao mesmo tempo um processo foi enviado à Assembleia solicitando a equiparação do Curso Normal ao congênere da Capital, o que gerou uma luta surda de interesses, um

---

<sup>1</sup> Ofício N° 7.294, ao diretor do Instituto Pedagógico de Campina Grande, respondendo seu ofício de 18 de julho sobre quatro requerimentos de guarda-livros práticos; N°. 7.295, ao fiscal José Tavares Cavalcanti, transmitindo cópia do ofício enviado ao diretor do Instituto Pedagógico de Campina Grande. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2139972/dou-secao-1-11-08-1933-pg-7>. Acesso em: 28/04/2011.

'*complot*' como registraria *Evolução*, cuja matéria, em sépia, trazia o antigo prédio do IP (o que ficou sendo internato, na Barão do Abiaí) no centro da página.

No entanto, na página seguinte, trazendo a foto do prédio da Marques do Herval, agora em preto e branco, dizia que a equiparação saía pelo Decreto nº 1615 de 9/12/1929, do governo estadual, e que o prédio era da municipalidade. Já se estava no quarto ano do Normal. Em sua publicidade, o IP divulgava as seguintes prestações de serviços pedagógicos: Grupo Modelo, para a prática do ensino de Didática às alunas do Normal; o Técnico-Comercial; e o de Instrução Militar incorporada ao Tiro de Guerra, conferindo caderneta aos alunos, além de outros cursos profissionais como de prenda doméstica, trabalhos, pintura etc. Além desta divulgação ainda fazia publicar a lista dos melhores alunos e alunas que tinham se destacado no concurso do mês de agosto, seis homens e cinco mulheres.

Há que observar o nome dado à Escola Normal, em fevereiro de 1931. Tratava-se de uma homenagem ao presidente Joao Pessoa por diversos motivos, desde o político partidário, pois esta equipe pedagógica tinha afinidades com a Aliança Liberal, até o jogo de forças políticas entre a Assembleia que analisaria o projeto de criação da Escola Normal do IP e o presidente João Pessoa que foi favorável a sua aprovação, em 1929, tornando-se o primeiro educandário a conseguir equiparação (CÂMARA, 1947, 143/4). Ainda mais, o fervor de alguns, como o dono do jornal Brasil Novo, Tancredo de Carvalho, desde o nome do periódico, mas e principalmente por ter sido este um dos membros da Comissão de levantamento de um monumento àquele político assassinado, na passagem do primeiro aniversário. Nesta comissão ainda estavam Almeida Barreto e Elpídio de Almeida que passariam a compor o quadro de editor e colaborador de *Evolução* respectivamente. Elpídio receberia uma carta da viúva de João Pessoa, pedindo representa-la naquelas cerimônias/

Em 1931, portanto, brindava a cidade com mais um serviço de comunicação e sociabilidade, a revista *Evolução*, cujo primeiro número saiu em setembro daquele ano. Esta revista (*magasine*, como proclamou um dos colaboradores) ("Revista mensal, de interesses gerais. Editada pelo IP [em desenhos em art nouveau]) media 0,16mX0,26m e trazia já uma novidade: a capa em cores, tendo ao centro uma foto, inicialmente de

políticos (José Américo, Getúlio Vargas, prefeito Lafaiete Cavalcanti) depois de professores homenageados, como Clementino Procópio, e autoridades, como Dr. Arlindo Correia, e da educação, Dr. Severino Cruz. Em seu número 7, no entanto, trazia a foto da professora Herotides Mathias de Oliveira. Impressa nas oficinas do jornal Brasil Novo, de Tancredo de Carvalho, a revista viveu apenas 8 exemplares (em 9 números) e o acervo fora adquirido pelo historiador Horácio de Almeida.

Vamos nos dedicar, aqui, por razões de espaço, a dissecar o primeiro número da revista da coleção de *Evolução* que constade apenas 9 números em 8 exemplares (o oitavo e nono saíram no mesmo exemplar) que eram editados nas oficinas gráficas do jornal recém instalado na cidade “Brasil Novo” (CARVALHO, 1975). Editada pelo Instituto Pedagógico, mantenedor da Escola Normal João Pessoa, seu editor chefe era o professor potiguar e ex-padre, (Manuel de) Almeida Barreto e seu proprietário era o Tenente do exército Alfredo Dantas, cujo passado político estava envolto em movimentos insurrecionais (PIMENTEL, 1958).

Pelo editorial pode-se perceber, pela linguagem, que não era tão modernista quanto à proposta gráfica: “Sáe, hoje, à tona, a ‘*Evolução*’ – vexilario que representa o esforço de uma arrancada de modestos pioneiros acantoados neste socálco da Borborema” e continuava numa linguagem que já pareceria arcaica: ‘seio pletórico’, ‘êsmo’ –no sentido de meta, ‘bandos garrulosos de crianças’, ‘ritmo sincrónico e onimodo’, ‘draino’ (dreno?), ‘ideias joeiradas’, ‘traino’ (treino?) e ‘viático da razão’. Outra, se não fosse a influencia católica do (ex-padre e editor) Almeida Barreto. Por outro lado, chama Campina Grande de cidade ‘*leader*’.

“À Memória do Presidente João Pessoa”, na página 10, é uma ode sem autoria, laudatória ao benemérito do Curso Normal. O texto é modernista no feito gráfico lembra, uma ampulheta sobre uma base, e a moldura da foto (p.11) do homenageado é em sépia, em estilo art nouveau, sob a legenda: “Morto... Não te venceram!”

À página 12 vem a homenagem ao Ministro José Américo de Almeida, com o texto em forma de um vaso, geométrico (ou um cubo apoiado no vértice sobre uma base). No entanto, a abertura do texto é bem simbolista/parnasiana: “ Os que moirejam na redação desta revista hemos por norma de decôro evitar encômios mariscados em

trigais verdoengos”. No entanto, diz que José Américo é *therightman in therightplace*” e que lembra o ministro inglês Colbert. Dentro da mesma linha editorial, o próximo a ser homenageado é o interventor federal Antenor Navarro (p.13).

Na página seguinte, a revista retoma a parte dos colaboradores com o artigo do Dr. Elpídio de Almeida “*Mais cuidado com os cabelos. Conselhos às Moças*”. O tom da modernidade e das novas sociabilidades vai ser o motor de *Evolução* e sempre com apoio da ciência. É o que nos convida, em seguida, o Dr. Antônio de Almeida com seu artigo “*Hygiene Moderna*” com o subtítulo: *Essencial fator do Progresso Humano*. Faz uma rápida resenha dos avanços da ciência, apontando a era ‘pastoriana; (de Pasteur), a abertura do canal do Panamá, a extinção da febre amarela no Rio de Janeiro como evidências do avanço da ciência e da medicina que deve ser coroado com a prática da higiene moderna: (...) o bem incalculável trazido à humanidade pela sciencia medica, nesses últimos decênios, fizera da hygiene moderna a bussola que norteia os povos civilizados aos segredos do porvir” (p.15). Ou mais redundante: “Por ahi se começou a compreender o valor econômico individual. Cada pessoa vale a riqueza nacional, dividida pelo total dos habitantes do paiz. Urge cuidar da saúde e conservar a vida pelo mais dilatado tempo possível”. Como se percebe, uma apologia à civilidade, este conjunto de códigos de comportamento, de norma de conduta, boas maneiras e educação pessoal, como nos revela Cunha (2009, p.236). Ou como aponta Chartier, entrar na civilização, era adentrar o mundo da civilidade que pode ser tomado como: “‘passar por’, ‘ser visto como’, ‘ser considerado’: civilidade não pertence (ou não mais) à ordem da verdade, mas à da reputação” (CHARTIER, 2004, p.73).

O último doutor a desfilarm neste primeiro exemplar de *Evolução* é o Dr. Severino Cruz, apenas como homenageado, já que, sendo ex-professor de química, do IP, estava afastado das salas de aula, nomeado que fora para inspetor federal. À p. 16, dava-se noticia de sua substituição neste cargo pelo professor Batista Leite.

O texto chave deste exemplar “Educação Feminina no Brasil” é de Francisquinha Amorim, (irmã de Apolônia Amorim, introdutora de algumas práticas pedagógicas da Escola Nova que trazia do Rio de Janeiro). Aqui, por questão de espaço, será transcrito parcialmente:

“O Século XX, rico de maravilhosas invenções e descobertas pelo que se denomina – O Século da velocidade e do Progresso, não permite que a atividade feminina, em nenhum país civilizado, continue abandonada, como no Brasil (que) ainda não se cogitou de dar à mulher uma educação que a prepare para desempenhar missão importante na terra. Nossa instrução é muito diferente, mercê dos poderes públicos e dos preconceitos tolos dos pais de família. Entendem aqueles que a mulher só tem utilidade no lar(e) estes, a moral de suas filhas será atacada, se elas exercerem um emprego fora de suas vistas. E por isto, aqui mal se educa a jovem para ser esposa ou irmã, nunca, porém para ser viúva, solteira e divorciada. A função da brasileira é ser parasita, embora disto venham efeitos muito desagradáveis e todos sofrem a causa da má educação”.

“Se a moça rica perde seus pais, sua herança cai nas mãos de um tutor indolente ou de um esposo estroina, e, em poucos dias a fortuna desaparece; então a infelicidade bate-lhe à porta (...) as das outras classes ficam órfãs, têm sua subsistência a custo de subscrições nascidas de almas generosas e filantrópicas, enquanto não surge um casamento que as tire de tamanha humilhação! Sujeitam-se às vezes a casar sem a mínima parcela de amor, sacrificando assim sua felicidade, tão somente para terem o pão quotidiano e adornos com que se apresentem no palco da sociedade, dissimulando ao público o que vai de tortura no âmago do coração. E forçoso é dizer, estas ainda são as mais felizes”.

“Comumente, as moças mais cultas estudaram um pouco a Língua Materna, inglês, francês, pintura e música, sempre para ornamentar o espírito, jamais para fazerem disto uma profissão. Queremo-la apta para exercer qualquer profissão liberal ou manual. A virtude feminina solidifica-se à proporção que a mulher for desenvolvendo suas faculdades, no ambiente em que trabalha”.

“Virginia de Castro Almeida assim se expressa: - a atividade feminina bem repartida e aproveitada é uma alavanca poderosa e indispensável, para o progresso da bondade, da moral e da paz. Seríamos um povo mais próspero se o elemento feminino, maior que o outro, agisse em todos os ramos da atividade humana. Como teremos uma nação independente financeiramente, si há mais consumidores que produtores?”

Vejamos: os países que estão na vanguarda são aqueles cuja cooperação feminina marcha ao lado do homem. Haja visto o exemplo da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Suíça. Esperamos que os dirigentes do país e os chefes de família habilitem a Eva atual a prestar a si e à pátria valorosos serviços, sem deixar de ser baluarte e anjo do lar. Oxalá em breve, baseada em sãos princípios religiosos ela conquiste sua emancipação intelectual, moral e cívica”. Francisquinha Amorim. (p.6).

*Evolução* publicava o artigo “A Cooperação dos pais e professores na formação dos caracteres infantis”, assinado por “M.C.C.”, em que abordava a necessidade dos pais e professores colaborarem no processo educativo. Na página seguinte, vinha a foto do corpo docente, em que já havia um ligeiro predomínio feminino, 8 mulheres e 7 homens, a saber: Manuel de Almeida Barreto, Sargento Moisés Araújo (da Educação Física), Dr. Severino Cruz, Tenente Alfredo Dantas, diretor Lino Fernandes, Dr. Elpídio de Almeida e Dr. Antônio de Almeida. As mulheres eram: Erundina e Tété Campelo, Sinhazinha (Flávia) Schuller, Ester e Yayá Dantas, Francisquinha Amorim, Maria Coutinho e Sizênia Galvão.

Tomamos como destaque a História cultural, naquilo que Chartier chama de “*aculturação tipográfica*”, quando o escrito favorece cultura do escrito impresso (CHARTIER, 2004: 107 e 111). No caso exclusivo deste artigo, em vez de professores e intelectuais da primeira década do século XX, de que tratam as duas produções acima aludidas, partimos de um sujeito de discurso, aqui bi facetado, Escola (o Instituto Pedagógico) e um meio de comunicação (a revista *Evolução*) no cenário conturbado do início da década de 1930. No lado educacional nacional, o país mergulhava numa nova proposta pedagógica – a Escola Nova – cujos reflexos se fizeram sentir na Paraíba, principalmente em Campina Grande, quando ao lado do laico Instituto Pedagógico, surgiram as escolas católicas Colégio Pio XI e Colégio das Damas (Imaculada Conceição).

Por aí, já se denota a tentativa dos defensores do ensino religioso tomar a frente da Escola Nova, contra o ensino laico, principalmente o ensino público. A ação dos católicos teve início logo após a Constituição de 1891. Na Paraíba, a campanha por uma educação católica foi liderada pelo bispo Dom Adauto Miranda Henriques, a partir de



1892, fundando um colégio feminino e outro masculino, levando sua influencia até a década de 1930 (KULESZA, 2006) com o jornal A Imprensa. A luta é reforçada em 1929 com a publicação da encíclica *Divini Illius Magistri* de Pio XI (MOTA, 2011). Três anos depois, em março de 1932, era inaugurado em Campina Grande o Colégio da Imaculada Conceição (Colégio das Damas). Em abril, foi a vez de o padre Delgado fundar o Colégio Pio XI, para os jovens

Pretendemos analisar esta proposta editorial, dentro do universo das criações de revista, como expõe Luca (2011), mas no plano das pequenas e efêmeras revistas, sempre sofrendo do princípio da descontinuidade. Este aspecto está patente nas páginas de *Evolução*, uma pequena revista que se pretendia para a família de classe média, na década de 1930, em Campina Grande, com prováveis repercussões na sociedade, principalmente sobre as sensibilidades das mulheres. Estas eram maioria relativa no quadro docente e na confecção dos textos da revista, na presença em fotos, demonstrando até a adaptabilidade à moda francesa chegada pelo trem do Recife, como o corte de cabelo, ‘à *lagarçonne*<sup>2</sup>, exibido por uma das professoras, Francisquinha Amorim, ardente articulista de *Evolução*. Lembrar que este corte de cabelo era o usado por Anayde Beiris, uma mulher ousada.

É neste contexto que surge a *Evolução* (1931), se confrontando indiretamente com o semanário católico *A Imprensa*, pelo ensino laico. Para sinalizar o enquadramento deste jornal num universo científico (cooptação através do discurso) suas páginas anunciavam que “o autor de *Aritmética na Escola Nova*, daria uma palestra intitulada *O que há de novo na escola Nova?*”. De fato, *Evolução* também busca petição de princípio científico ao adotar a palavra-chave do darwinismo social *Evolução*. Se ao mesmo tempo quer indicar que é progressista (e que, portanto seu oponente – *A Imprensa* – é conservador), quer, igualmente, mostrar seu engajamento no universo científico. Não é à toa que do seu quadro docente participam alguns médicos, um dos quais já vinha acumulando um background científico e político que viria a se abrir em gestões municipais, Dr. Elpídio de Almeida, prefeito por duas vezes, de

---

<sup>2</sup>Sobre o estilo de cabelo diz o Almanaque Folha que em 1927, a mulher moderna pede liberdade de movimentos e a moda parisiense já mostra as novas roupas que reduzem os bustiês e estreitam os quadris. A silhueta esbelta faz com que as mulheres fiquem cada vez mais parecidas com rapazes, o que é acentuado com o novo corte de cabelo “*lagarçonne*”,\* ainda mais curto que os já usados. ([http://almanaque.folha.uol.com.br/cronologia\\_20.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/cronologia_20.htm). Acesso em 24/10/2011).



Campina Grande. Além do mais, seu nome em a *Evolução*, significava a presença da ciência, como em seu artigo sobre epidemias africanas trazidas para o Brasil. Dr. Elpídio de Almeida lecionava biologia e publicou um artigo “*Um mal que nos ameaça*” sobre doenças vindas da África. Infelizmente, representando o pensamento conservador da época, inicia seu artigo dizendo: “*Sempre a África a infelicitar-nos com suas mazelas*”, sobre a história das epidemias vindas a bordo dos navios negreiros e outros cargueiros. Portanto, *Evolução* carregava sentido denso em seu nome-discurso, pois sabia que do outro lado estava o rival que também chamava para si outro nome-discurso (sujeito discursivo) de peso, o diário católico chamava-se simplesmente *A Imprensa*.

### **Algumas considerações parciais**

Não conseguimos apurar os motivos da extinção tanto de *Evolução* como de Brasil Novo, mas o que se observa é que ambos desaparecimentos são concomitantes. Por outro lado, parece surgir outro jornal em lugar de Brasil Novo, que é o Comércio de Campina (de 1932 a 1933) fundado por Alfredo Dantas e Almeida Barreto que, provavelmente, assumem o lado gráfico da revista, pois esta publica em seus últimos números (em uma só edição – abril e maio de 1932) um editorial deste último jornal.

A revista *Evolução* não resistiu muito, durou apenas de setembro de 1931 a abril/maio de 1932. Talvez também tenha ocorrido a extinção do Brasil Novo que não tinha tradição local. Este jornal já existia no distrito de Moreno (hoje, Solânea) com o nome Correio de Moreno, de propriedade de Tancredo de Carvalho e, a convite dos advogados e políticos José Tavares Cavalcanti e Octavio Amorim, veio em janeiro de 1931 se instalar em Campina Grande, tornando-se porta-voz dos espólios político da Aliança Liberal.

Além da parte educacional trazia publicidade e parte social com notas de aniversários, casamentos e algumas ‘focacas’, além de trocas de versos entre homens e mulheres poetas, pontificando Iracema Marinho, colaboradora constante de vários jornais e almanaques. Talvez juntar pedagogia com publicidade não fosse algo tão proveitoso e, daí, um jornal seria a saída.

Esta revista ainda está precisando de um estudo acadêmico para se demonstrar seu pioneirismo local, senão estadual em muitos aspectos, principalmente no uso da fotografia e de temas tão polêmicos, para a época como a educação física para moças que rendeu tintas demais edições.

### Referências

CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. João Pessoa: Departamento de Publicidade, 1947.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. (Tradução de Maria Manuela Galhardo). Lisboa: DIFEL, s/d.

*Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Saberes Impresso. Escritas de civilidade em impresso educacionais. (Décadas de 1930 a 1960). In: YAZBECK, Dalva Carolina e ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. *Cultura e História da Educação: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa*. Juiz de Fora, Editora da UFJF, 2009, p. 233-251.

IMPRESA (A). (Jornal da Arquidiocese da Paraíba). João Pessoa. (diversos exemplares dos anos 1931 a 1934).

KULESZA, Wojciech Andrzej. Igreja e Educação na Primeira República. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso e MACHADO, Charliton José dos Santos (Org.). *Pesquisa e Historiografia da Educação Brasileira*. Campinas: Autores Associados, 2006, p.87-113.

LOBO, Fernando. *À Mesa do Vilariño*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NARCIZO, Rodrigo Mota. Modelando o mestre cristão: um estudo sobre estratégias católicas de formação docente na primeira metade da década de 1930. Disponível em

<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/coordenadas/eixo02/Coordenada%20por%20Libania%20Nacif%20Xavier/Rodrigo%20Mota%20Narcizo%20-%20Texto.pdf>.

Acesso em 26/10/2011.

PIMENTEL, Cristino. *Pedaços da História da Paraíba*. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1958.